



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

ARTE URBANA:
UMA EXPERIÊNCIA NA *CIRCUS NETWORK*

Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Gestão de Indústrias Criativas

Darcielle Lisandra Manjate Da Costa

Porto. Novembro 2021



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

ARTE URBANA:
UMA EXPERIÊNCIA NA *CIRCUS NETWORK*

Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Gestão de Indústrias Criativas

Darcielle Lisandra Manjate Da Costa

Trabalho orientado pela Professora Doutora Laura Castro

Porto. Novembro 2021

Agradecimentos

Antes de mais, quero agradecer a Ana Castro e ao André Carvalho pela oportunidade de realizar o estágio curricular na *Circus Network* e pela receção acolhedora.

Quero agradecer à Prof^a. Dra^a. Laura Castro pela paciência, incentivo, apoio, recursos, partilha de conhecimento e tempo que tirou para me orientar no último ano.

Aos meus colegas pelos momentos de riso, partilha de ideias, desespero e experiências.

Aos meus amigos e a todos o que fizeram parte do meu percurso académico nos últimos cinco anos.

Ao Porto que me acolheu tão bem.

E, por fim, um especial agradecimento à minha mãe pelo amor incondicional e apoio em todas as minhas aventuras.

Resumo

O presente relatório de estágio apresenta as atividades realizadas e o conhecimento adquirido na duração dos seis meses de estágio curricular de mestrado na *Circus Network*, um espaço que promove a arte urbana e os artistas portugueses, localizado na Rua do Rosário, na cidade do Porto.

O estágio centrou-se no desenvolvimento de duas propostas de intervenção de arte urbana e assistência às atividades e necessidades da galeria de arte e loja da *Circus*.

Para melhor compreensão do trabalho e entendimento do setor onde se insere, foi feita uma pesquisa sobre a origem deste tipo de arte através da elaboração de uma breve contextualização histórica da arte urbana e no contexto português.

Realizou-se uma análise da entidade acolhedora e dos projetos elaborados durante o estágio, uma explicação das atividades e tarefas desempenhadas e, por fim, uma auto-avaliação das capacidades desenvolvidas nesta experiência.

Palavras-chave: *circus network*; arte urbana; setor cultural; espaço cultural.

Abstract

This internship report presents the activities and knowledge collected throughout the six months of the master's curricular internship at Circus Network, a cultural space that promotes street art and Portuguese artists, located in Rua do Rosário, in the city of Porto.

The internship focused on the development of two proposals for street art intervention and assistance to the activities and needs of Circus's art gallery and store.

For a better understanding of the work and understanding of the sector in which it operates, research was carried out on the origin of this type of art through the elaboration of a historical contextualization of street art and in the Portuguese context.

An analysis of the host entity and the projects developed during the internship, an explanation of the activities and tasks performed and, finally, a self-assessment of the capacities developed in this experience was carried out.

Keywords: circus network; street art; cultural sector; cultural space.

Índice

RESUMO.....	5
ABSTRACT	6
ÍNDICE.....	7
ÍNDICE DE FIGURAS	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – ARTE URBANA.....	13
1.1 Breve nota sobre a evolução da arte urbana.....	14
1.2 Impacto da estética da arte urbana	19
1.3 Arte urbana como ferramenta social.....	20
CAPÍTULO 2 – ARTE URBANA E AS CIDADES.....	22
2.1 O contexto português	22
2.2 Galerias e Festivais	23
2.2.1 Lisboa: GAU e <i>Underdogs</i>	23
2.2.2 Porto: <i>Circus Network</i> e <i>Festival Push</i>	25
2.2.3 Covilhã: <i>Wool</i>	26
CAPÍTULO 3 – ESTÁGIO NA <i>CIRCUS NETWORK</i>	29
3.1 A Entidade Acolhedora	29

3.2 Propostas de Projetos	32
3.2.1 Projeto “Todas As Cores”	33
3.2.2 Projeto “A Rota do Spray”	38
3.3 Inventário	42
3.4 Autoavaliação.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS E BIBLIOGRAFIA.....	47
APÊNDICES	50
Apêndice A: Entrevista a Ana Castro	50
Apêndice B: Entrevista a Frederico DRAW	59

Índice de Figuras

Fig.1 (esquerda) – “Half Rabbit” (Bordalo II, 2017), escultura de Bordalo II feita a partir de materiais reciclados em Vila Nova de Gaia. Foto: Marco Duarte.....	13
Fig.2 (direita) – “MIRA” (Daniel Eime, 2015) Pintura de uma residente da zona da ribeirinha no Porto. Foto: Marco Duarte.....	13
Fig.3 (esquerda) – Interpretação artística de Kyselak em ação (Anton von Werner, 1868) Fonte: Wikiwand.....	14
Fig.4 (direita) – Tag (marca/registo) de Kyselak em Brno, República Checa. Fonte: Wikipedia.....	14
Fig.5 (esquerda) – Graffiti no metro de Nova Iorque na década de 1980. Fonte: Mental Floss	17
Fig.6 (direita) – Ilustração de murais de graffiti em Nova Iorque: Revista On The Go, edição de 1995. Fonte: WorthPoint.....	17
Fig.7 – Mural “Black Lives Matter” em Nova Iorque. Foto: Angela Weiss (2020).....	20
Fig.8 – Pintura da frase “Black Lives Matter” numa das ruas principais de Washington D.C em prol dos protestos por justiça social. Foto: Tasos Katopodis (2020).....	21
Fig.9 – Mural na freguesia Rabo de Peixe por Vhils (2013). Fonte: <i>www.vhils.com</i>	23
Fig.10 – Mercado de Arroios em Lisboa, projeto desenvolvido pela GAU (2021). Foto: Bruno Cunha	24
Fig. 11 – Exposição do AkaCorleone na Underdogs (2021). Fonte: Facebook da Underdogs	24
Fig. 12 – “Don Quixote” por Mots, Mesk e Fedor (2014), Porto. Fonte: Site oficial da Circus Network	26
Fig. 13 – O primeiro projeto do Wool Fest, por ARM Collective: RAM e MAR (2011). Igreja de Santa Maria, Covilhã. Fonte: Site Oficial da Center of Portugal.....	27
Fig. 14 – Logotipo da Circus Network (esquerda); Ana Castro e André Carvalho (direita). Fonte: Site Oficial da Circus Network	29
Fig. 15 – Entrada e parte exterior da Circus Network. Fonte: Instagram @circusnetwork.....	31
Fig. 16 – Imagem do projeto.....	33
Fig. 17 – Local de intervenção da arte, no Bairro Social das Enguardas	34
Fig. 18 – Da esquerda à direita: “AMÁLIA” (2020) por Frederico Draw na cidade de Fundão; Frederico Draw no processo de pintura de “Amália”; "HANS ISLER" (2019) pela dupla Frederico Draw e Contra, na cidade de Lousada. Fonte: Facebook Oficial Frederico Draw	35
Fig.19 – Da esquerda à direita: The Caver após pintar uma parede num local abandonado; “Feels like Home” (2020) por The Caver em Mannheim, Alemanha. Fonte: Instagram @_thecaver_	35

Fig.20 – Locais de intervenção artística na Piscina Municipal da Rodovia	36
Fig. 21 – Da esquerda à direita: Campo de Basketball em Lisboa, por AkaCorleone (2019); AkaCorleone; Instalação permanente de AkaCorleone no Panorâmico de Monsanto, em Lisboa. (2020). Fonte: Instagram @akacorleone.....	37
Fig. 22 – Da esquerda à direita: "Chernobyl Nuclear Power Plant" por Mots, na Ucrânia (2019); Mots no processo de pintura de um mural. Fonte: @mots.pt	37
Fig. 23 – Imagem do projeto	38
Fig. 24 –Dois dos murais pintados no Black Circle Festival 2016, na Ucrânia. Foto: Jens Besser	39
Fig. 25 – Imagens do primeiro filme do “Rurales”, filmado numa região rural polaca em 201. Fonte: Youtube @RURALES.....	40
Fig. 26 – Percurso da intervenção artística	40
Fig. 27 – Sugestão de dois murais entre Duas Igrejas e Abragão. Fotos tiradas por Lourenço, artista responsável pelo projeto	41

Introdução

O presente relatório de estágio foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, no Porto, como um dos requisitos para obtenção do grau de mestre. O estágio curricular decorreu entre 2 de Novembro de 2020 a 16 de Abril de 2021 na *Circus Network*.

No âmbito do curso, foi-nos dada a opção de escolha entre a realização de um estágio, dissertação ou a criação de um projeto. Durante o primeiro ano do mestrado, a elaboração de um trabalho de grupo despertou o meu interesse e gosto por arte urbana. Por isso, decidi realizar um estágio curricular com o objetivo de desenvolver experiência profissional no setor cultural e criativo, uma área que sempre quis explorar e que me incentivou a ingressar neste mestrado.

A *Circus Network*, que conta com quase uma década de existência, nasceu como uma organização informal que mais tarde se transformou em agência criativa, galeria de arte, loja e espaço *co-work*. Por ser das maiores referências de arte urbana no norte do país, a *Circus* foi, de imediato, a minha primeira escolha para estágio.

Uma das características da *Circus Network* é que todos os que lá trabalham se envolvem em todas as atividades, com uma grande versatilidade, por isso, o meu estágio teve o foco no trabalho de desenvolvimento de projetos e, ao mesmo tempo, na assistência à galeria de arte e loja.

Durante o estágio, os objetivos principais foram:

- desenvolver uma experiência profissional no setor cultural e criativo;
- conhecer o funcionamento e as oportunidades de trabalho numa agência criativa;
- colaborar nas atividades da instituição; conhecer aprofundadamente o campo da produção da arte urbana;
- adquirir competências necessárias à conceção e ao desenvolvimento de projetos de grande escala;
- adquirir competências pessoais de responsabilidade e autonomia;

- estabelecer contactos com câmaras municipais e fechar possíveis projetos de arte urbana nessas cidades.

Durante a elaboração deste relatório segui a seguinte metodologia:

- pesquisa bibliográfica para realizar uma contextualização histórica da arte urbana, para perceber o contexto da arte urbana no cenário português e sobre a entidade acolhedora;

- revisão da literatura e pesquisa documental para a realização de propostas de projetos artísticos;

- pesquisa documental de candidaturas da *Circus Network* em projetos anteriores, como ferramenta de estudo;

- observação e acompanhamento de atividades;

- recolha de dados por entrevistas: durante o estágio, foram feitas entrevistas a Ana Castro, uma das co-fundadoras da *Circus Network*, e a Frederico Draw, artista envolvido na área de urbana no Porto e agenciado pela *Circus*.

Para uma melhor organização, o relatório foi dividido em três capítulos, com os respetivos temas explorados.

O primeiro capítulo é dedicado ao conceito, origem e evolução da arte urbana, e como esta passou de uma atividade considerada ilegal e vandalismo a expressão artística que ocupa o espaço público.

O segundo capítulo concentra-se na contextualização da arte urbana em Portugal e como esta prática se expandiu pelo país.

O terceiro capítulo é reservado às ações do estágio e tarefas que foram cumpridas durante os seis meses de observação e aprendizagem na área.

E por fim, são feitas algumas considerações finais com o propósito de refletir acerca da experiência de trabalho na entidade acolhedora.

Capítulo 1 – Arte Urbana

A arte urbana refere-se à relação entre as cidades e a vida urbana, por isso, é feita maioritariamente por artistas que vivem ou têm uma ligação forte com a cidade. Sendo assim, a arte urbana combina a arte de rua com o *graffiti* e é frequentemente usada para resumir todas as formas de arte visual que surgem em áreas urbanas, inspiradas na arquitetura urbana ou no estilo de vida citadino.



Fig.1 (esquerda) – “Half Rabbit” (Bordalo II, 2017), escultura de Bordalo II feita a partir de materiais reciclados em Vila Nova de Gaia. Foto: Marco Duarte

Fig.2 (direita) – “MIRA” (Daniel Eime, 2015) Pintura de uma residente da zona da ribeirinha no Porto. Foto: Marco Duarte

Uma das definições de dicionário refere:

“Street art is any art developed in public spaces - that is, "in the streets" — though the term usually refers to art of an illicit nature (as opposed to, for instance, government or community art initiatives). The term can include traditional graffiti artwork, though it is often used to distinguish modern public-space artwork from traditional graffiti and the overtones of gang territoriality and vandalism associated with it.” (Urban Dictionary, 2006).

1.1 Breve nota sobre a evolução da arte urbana

Para uma melhor compreensão do conceito de arte urbana, é necessário contextualizar o seu surgimento e analisar a sua evolução. Tanto o *graffiti* como a arte urbana surgiram na necessidade de expressar um sentimento ou mensagem que representasse a comunidade. Embora o *graffiti* tenha surgido primeiro, ambos permanecem interligadas. Enquanto o *graffiti* permanece no meio urbano e mais ligado à comunidade urbana, a arte urbana engloba vários domínios artísticos.

Não importa o quão longe voltemos no tempo, sempre haverá exemplos que provam o nascimento plural e o crescimento das intervenções urbanas, começando nos primeiros indivíduos documentados que utilizaram as cidades como telas para a sua arte. Um desses exemplos é Joseph Kyselak (Viena, 1799-1831), considerado um dos antecedentes do *graffiti* moderno – embora não necessariamente arte urbana – que escreveu o seu nome ao longo do Império Austro-Húngaro, no início do século XIX.



Fig.3 (esquerda) – Interpretação artística de Kyselak em ação (Anton von Werner, 1868) Fonte: Wikiwand

Fig.4 (direita) – Tag (marca/registo) de Kyselak em Brno, República Checa. Fonte: Wikipedia

Algo que começou como uma aposta amigável entre amigos transformou-se no que hoje é considerado arte. Joseph tinha três anos para ser conhecido por todo o Império, então começou a escrever a frase “Kyselak esteve aqui” em todos os lugares. À medida que foi ganhando gosto, Joseph não conseguiu parar ao ponto de prometer ao imperador austríaco Francisco I que pararia (Martin, 2010). Ainda no artigo elaborado por Jorge Martin, “*Thinking About the Origins of Street Art*”, percebe-se que por milagre, algumas das suas marcas sobreviveram à passagem dos anos e até aos dias de hoje existe um grupo de pessoas na Áustria que trabalham para perseverar o trabalho do denominado “avô do *graffiti* moderno”. Mas foi no século XX que o movimento começou a ganhar maior atenção.

Tanto a definição de *graffiti* como de arte urbana não são consensuais e ambos os termos ainda são considerados por uma parte da sociedade, como vandalismo, poluição visual, enquanto para outra parte são considerados forma de arte e liberdade de expressão.

Sobre estes fenómenos, Campos (2007: 250) afirma: “*O termo graffiti refere-se, usualmente, às inscrições executadas no espaço urbano citadino, em suportes diversos, como os muros, as paredes e variado mobiliário urbano, através da utilização de diferentes instrumentos*”

Wacklaweck (2008: 121) também afirma que o *graffiti* é um “(...) um movimento expressivo iniciado e mantido principalmente pelos jovens com um vocabulário visual cujo tema é a assinatura”.

Na obra “*Graffiti World: Street Art from Five Continents*” (2004), Nicholas Ganz refere que as técnicas das pinturas rupestres não são muito diferentes das técnicas do *spray* e *stencil*, que são utilizadas no *graffiti*. O autor usa como exemplo as escavações de Pompeia (antiga cidade romana, localizada no sul da Itália), que permitiram descobrir que o *graffiti* já era utilizado naquela altura tanto para decorar as casas como para manifestar a opinião de desagrado dos cidadãos com as autoridades nas paredes das ruas, através do desenho de símbolos. Ao longo dos anos, o *graffiti* foi-se perdendo e com a diferença social cada vez maior, a cultura foi dominada pela elite e as classes

mais baixas, de onde surgiram os primeiros autores do *graffiti*, foram perdendo motivação. Mas em 1970, o *graffiti* teve uma grande explosão e as classes sociais mais baixas voltaram a usar esta técnica como maneira de mostrar o descontentamento das condições urbanas em que viviam e como forma de marcar presença na sociedade.

Rapidamente, o *graffiti* tornou-se um escape para jovens que se sentiam frustrados com os meios urbanos em que viviam e com as situações que enfrentavam – motivando-os, assim, a transformar as suas emoções em peças artísticas. Ligado ao *hip-hop*, o mundo do *graffiti* começa a entrar no mundo artístico. Na medida em que o espaço para pintar se torna escasso e os artistas sentem necessidade de se destacar no meio da confusão visual, a intervenção artística move-se para portas do metro ou paredes das ruas. O que era simples começa a tornar-se pormenorizado e reconhecido.

Entre as décadas de 1980 e 1990, as manifestações artísticas que se assinalaram no bairro do *SoHo* em Nova Iorque, deram origem ao termo *street art* (arte urbana), também referido anteriormente como a era do pós-*graffiti* (Hughes, 2009: 5). À medida que o *graffiti* se foi desenvolvendo como cultura, foram exploradas novas técnicas de construção artística nas paredes, através de novos símbolos e peças abstratas. Melissa Hughes (2009) ainda descreve a arte urbana como uma expressão artística variada e abrangente num pano de fundo urbano, derivada da revolução do *graffiti* e frequentemente definida como pós-*graffiti*. Acrescenta que este movimento carrega um conjunto de ideias estéticas e técnicas que não foram testemunhados nas décadas de 1970 e 1980 no movimento do *graffiti* em Nova Iorque.

Embora a arte urbana seja proveniente da subcultura do *graffiti*, partilhando as mesmas características da transgressão, ilegalidade e utilização não autorizada do espaço público, é diferente em alguns aspetos. A arte urbana manifesta-se como uma expressão de desenvolvimento e avanço das características tradicionais do *graffiti*, afastando-se do seu visual e princípios. Por isso, o pós-*graffiti*, implica não só um avanço cronológico, como também, um desenvolvimento formal, material e visual (Costa, 2016).

As regras do *graffiti* tornaram-se ultrapassadas e, portanto, a arte urbana tornou-se mais inclusiva e versátil em termos de técnica, estilo, materiais e meios de execução (Waclaweck, 2008). Tal como no *graffiti*, os artistas de arte urbana também utilizam muros, paredes, contentores, postos ou outro qualquer elemento urbano ao ar livre, tendo sempre em conta o local específico onde vão trabalhar. A sua técnica gráfica é diferente, uma vez que se diferenciam pelo uso de figuras ou símbolos. O seu ato expressivo também se destaca, visto que normalmente os artistas oferecem uma paisagem artística ao espaço urbano e ao público ou mensagens relacionadas com questões sociais (Sequeira, 2013). Outra característica distinta da *street art* é a junção de várias áreas, através do uso de materiais como o carvão, tintas, mosaicos, posters, projeções, cola, papel e outros (Matos, 2015).



Fig.5 (esquerda) – Graffiti no metro de Nova Iorque na década de 1980. Fonte: Mental Floss

Fig.6 (direita) – Ilustração de murais de graffiti em Nova Iorque: Revista On The Go, edição de 1995. Fonte: WorthPoint

Muitos *writers*, que são os artistas de *graffiti*, tiveram dificuldade em continuar o seu trabalho e viram-se obrigados a abandonar a arte após entrarem na vida ativa e constituírem família. Por isso, o financiamento de grandes marcas e apoio dos municípios contribuiu bastante para a possibilidade tornar a profissão de artista de arte urbana sustentável. No entanto, torna-se rentável apenas para aqueles que surgem com um estilo inovador e que se destacuem.

Durante uma pesquisa acerca da relação da cultura *hip hop* com o *graffiti*, tive conhecimento da revista norte-americana *On the Go* (que surgiu em 1993), direcionada para os fãs de música, mas que também incluía conteúdo direcionado a *writers*. Esta revista permitiu que os artistas tivessem informação sobre o trabalho de outros *writers*, que até à altura era nula, e que pudessem refletir sobre as suas próprias obras. Com isto, o movimento foi percebendo que para além do *graffiti*, outro tipo de intervenções estavam a ser exploradas, como por exemplo a arte urbana. Por isso, a revista funcionou como uma ferramenta de comparação com o trabalho realizado na altura e a sua evolução para arte urbana.

O aparecimento da internet, redes sociais e novas tecnologias fez com que a informação se divulgasse muito mais rápido e os artistas deixaram de depender das revistas e editoras para dar visibilidade ao seu trabalho. A evolução social e acesso ao ensino público também permitiu que aqueles que outrora utilizaram o *graffiti* como prática de vandalismo utilizassem para se exprimir. Portanto, houve “(...) *uma espécie de reciclagem da arte, utilizado as técnicas ligadas ao graffiti, como o stencil, stickers e poster bombers para criar uma crítica social, ironia, e ser mais facilmente entendida. Com os conhecimentos que lhes foram dados através da história da arte e com uma forte influência da cultura pop-art, os artistas começaram por fazer uma mistura e releitura de antigos movimentos e “artes nobres”, adaptando-os depois aos dias de hoje*” (Portelinha, 2013: 58-60).

Num artigo para o jornal Expresso, Rute Barbedo (2018) descreveu como a arte urbana transformou o bairro de Plateau em Montréal, Canadá, de “gueto” para “uma das áreas mais procuradas para habitar” através da identidade artística que se desenvolveu. No mesmo artigo, entrevista um luso-canadiano, Alexander Patrício que afirma o seguinte: “*as pessoas querem viver em bairros onde tenham um sentimento de pertença e as características especiais da street art criam essa conexão*”. O testemunho de Patrício prova que a arte urbana transformou o que outrora era visto como vandalismo em arte contemplada e “aceite”.

O *graffiti* e a arte urbana são duas vertentes artísticas que nasceram do mesmo movimento e enquanto o mesmo existir, as duas andarão interligadas. Ou seja, uma não viverá sem a outra. Foi através do *graffiti* que surgiram todas as experiências e os diversos estilos que deram origem àquilo que hoje é considerado arte urbana. O *graffiti* acaba, também, por ser um meio para atingir um fim, que é a arte urbana. O uso das paredes como telas para contar histórias ou expressar emoções conectou os artistas ao público e fez com que a sua arte suscitasse emoções e opiniões no cidadão comum, ao invés de apenas propagar uma marca territorial.

1.2 Impacto da estética da arte urbana

A estética da arte urbana contribui bastante para o impacto da sua mensagem. Tal como em anúncios publicitários, os artistas prestam atenção no efeito que as cores e o design da sua arte pode ter na comunicação com o público. Por exemplo, a cor é utilizada como meio de manipulação de emoções. As cores quentes – tons vibrantes como vermelho, laranja e amarelo – geram uma sensação de entusiasmo, enquanto os vermelhos e pretos representam a paixão e transmitem emoções de revolução, morte e violência. Tons de azul e verde – cores frias – indicam calma, tranquilidade e o meio ambiente, e que o branco é um símbolo de paz e pureza. Através da manipulação de várias cores, diferentes tipos de mensagens são comunicadas, como cores de imagem paralela e mensagem. Embora essas associações com a cor sejam facilmente reconhecíveis, nem todos os artistas associam a sua escolha de cores desta maneira e às vezes pode ser aleatório. As mensagens são ainda mais intensificadas pela forma, design e colocação. Por isso, a fim de maximizar a visibilidade e o impacto visual, os artistas devem colocar o seu trabalho em áreas de alto trânsito. Na arte urbana, poucos lugares estão fora do limite.

Conscientes de que o seu trabalho provavelmente não será preservado, os artistas apostam na mensagem e design, que são os primeiros aspetos que cativam o público. Muitas vezes, a sua arte é feita durante a noite, à pressa ou com pouca precisão e em

alguns casos, a obra pode durar meses ou bastante anos. Por isso é que muitos artistas apostam em murais, que também servem para trazer maior visibilidade à informação que certos artistas pretendem passar. Este modo de comunicação busca apontar problemas, questionar sistemas de valores que estão em vigor, fazer reivindicações e sugerir alternativas.



Fig.7 – Mural “Black Lives Matter” em Nova Iorque. Foto: Angela Weiss (2020)

1.3 Arte urbana como ferramenta social

A arte urbana também pode servir como ferramenta de defesa. Funciona socialmente, pois contribui para o comentário social e discussão de agendas políticas. Muitas vezes está na oposição direta da comunicação social, ao oferecer comentários, críticas e perguntas investigativas. Partidária por natureza, a forma de arte não é obrigada a permanecer neutra ou imparcial, mas sim para fazer avançar uma causa ou ideia. A arte urbana é acessível a todos independentemente do ponto de vista. Por natureza, atua como uma ferramenta expressão. A arte pública tem sido frequentemente usada para transmitir assuntos sociais e serve como maneira de expressão.

Através de intervenções artísticas, os artistas contam com mensagens simples, concisas e com uma fusão de pensamentos, ideias e comentários que incentivem o início de um diálogo político. A esfera política em constante mudança força a arte urbana a ser altamente adaptável. Conforme surgem problemas, o tema do registo artístico

também se altera para refletir os problemas atuais. Através de pintura de murais, adesivos ou pôsteres, a arte comunica pensamentos sobre questões urgentes de natureza política, social, económica e cultural. Enquanto a arte de rua respira vida dentro das paredes, um diálogo comunitário é desencadeado quando as pessoas começam a fazer perguntas. Forçados a refletir sobre o que veem na rua, quem passa pelos murais e ruas da cidade, torna-se ciente da presença e do ponto de vista de um movimento ativo de resistência.



Fig.8 – Pintura da frase “Black Lives Matter” numa das ruas principais de Washington D.C em prol dos protestos por justiça social. Foto: Tasos Katopodis (2020)

Capítulo 2 – Arte urbana e as cidades

2.1 O contexto português

Após a Revolução dos Cravos, em 1974, Portugal também viveu uma época de liberdade na área da expressão artística. Numa altura de revolta, os muros das cidades portuguesas funcionaram como meio de comunicação e começaram a encher-se de cartazes e mensagens políticas. No entanto, só nos finais da década de 1980 e início dos anos 1990 é que o *graffiti* e a cultura do *hip hop* chegam ao país. A divulgação do *graffiti* também se deve aos descendentes de emigrantes portugueses, que vinham da França, Suíça e do Luxemburgo, que traziam revistas durante as suas férias e circulavam entre os jovens portugueses (Ferro, 2015).

A primeira onda do *graffiti* surge no final da década de 1980 em Carcavelos, onde surgiu o primeiro *hall of fame* pela autoria das primeiras *crews* portuguesas, *Criminal Assassins*. Na mesma altura, também apareceram alguns artistas como Jam (atual Nomen) que acabou por se tornar no herdeiro desta primeira geração de *writers* e tornando-se influência para outros artistas do resto do país.

A partir do início de 1990, começaram a aparecer cada vez mais artistas e coletivos espalhando-se da periferia ao centro de Lisboa embora ainda não era intenção levar esta prática às galerias. No entanto, uma vez que os mesmos começavam a ter interesse na divulgação do seu trabalho, contactavam as galerias e o mercado da arte para exposição das suas obras. Embora a origem do *graffiti* no Porto ainda não tenha sido aprofundada, é de conhecimento público que os primeiros pioneiros foram Ace, Ego (aka Maze) e Rato54, seguindo-se Third, Pzt (aka Hazul), Bif, Odd, Deck97, Caos e por fim Mr. Dheo.

Ao longo dos anos, as autarquias foram entendendo o papel e impacto que a arte urbana pode ter na revitalização e promoção do espaço público. Atualmente, muitas cidades têm roteiro de arte urbana e promovem-na.



Fig.9 – Mural na freguesia Rabo de Peixe por Vhils (2013). Fonte: www.vhils.com

Os projetos e festivais de arte urbana também têm vindo a ganhar número e reconhecimento. Todas estas ações são acompanhadas por iniciativas culturais e artísticas que levam os artistas da rua para galerias ou até museus. E atualmente existe o Museu de Arte Urbana e Contemporânea de Cascais, que dá voz ao movimento e oportunidade a vários artistas.

2.2 Galerias e Festivais

2.2.1 Lisboa: GAU e *Underdogs*

Como referido, o papel de instituições e organismos no movimento artístico e cultural tem um peso enorme na sua promoção e crescimento.

Em 2008, a Câmara Municipal de Lisboa criou a Galeria de Arte Urbana (GAU) que promove o graffiti e arte urbana em Lisboa através de intervenções legais. A GAU teve um papel crucial no desenvolvimento da arte urbana na cidade e em tornar Lisboa

numa das cidades mais relevantes neste movimento, a nível mundial. Os resultados do trabalho desta galeria são evidentes na paisagem que ela apresenta, desde murais que contam histórias a intervenções nas ruas de quem por lá passa.

Em Lisboa, também existe a galeria *Underdogs*, que é um espaço que promove a arte visual com origem no espaço público urbano. O projeto foi criado em 2010 por Alexandre Farto, também conhecido como Vhils que é um dos artistas portugueses mais consagrados desta geração, e Vera Cortês. A *Underdogs* tem sido uma ponte entre os artistas de rua e o mercado através de eventos e exposições.



Fig.10 – Mercado de Arroios em Lisboa, projeto desenvolvido pela GAU (2021). Foto: Bruno Cunha

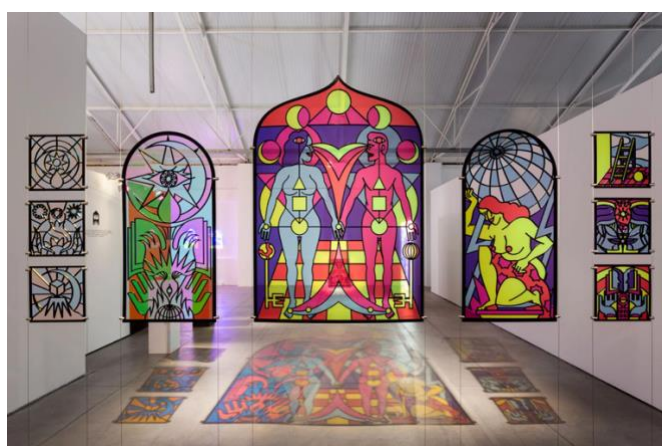


Fig. 11 – Exposição do AkaCorleone na Underdogs (2021). Fonte: Facebook da Underdogs

2.2.2 Porto: *Circus Network* e *Festival Push*

Já no Porto, o maior exemplo é a *Circus Network*, que começou como um projeto final de licenciatura e transformou-se no maior espaço cultural de apoio à arte urbana. Apesar de apresentar murais de grande escala em alguns dos sítios mais emblemáticos da cidade, ainda não evoluiu em relação às outras cidades portuguesas.

Em entrevista para o meu relatório de estágio (entrevista em apêndice no final do Relatório), o artista Frederico Draw descreve a evolução da arte urbana no Porto como “lenta” e que “precisa é de mais trabalho”. Draw acrescenta que “o Porto é uma cidade com imensa cultura, imensas coisas a acontecer, a nível de arte urbana nem por isso. Acho que há um bloqueio e confusão grande”. Além de Frederico, o Porto é casa de Mr Dheo, The Caver Oker, Mots e muitos outros grandes nomes da arte urbana portuguesa.

Como parte da tese de mestrado, Ana Castro (cofundadora da *Circus Network*) apresentou a proposta de um projeto, que se tornou no Festival *Push* Porto, em 2014. “Nós na altura pintamos cinco murais pela cidade. Praticamente ainda não havia murais legais no Porto – havia três – e nós na altura pintamos logo cinco numa semana. Fizemos muitas exposições, workshops, palestras e foi uma semana muito dinâmica que trouxe a arte urbana e ilustração ao Porto como antes não sido vista.” disse Ana, em entrevista para o relatório.

Depois do sucesso no primeiro, a *Circus Network* tentou voltar a organizar mais edições, mas infelizmente não conseguiu o apoio e licença da Câmara Municipal do Porto, o que desmotivou a organização a voltar a organizar um evento da mesma dimensão. Contudo, a *Circus* continua a ser um ponto de referência não só de arte urbana, mas também de promoção da arte portuguesa.



Fig. 12 – “Don Quixote” por Mota, Mesk e Fedor (2014), Porto. Fonte: Site oficial da Circus Network

2.2.3 Covilhã: *Wool*

Como iniciativa da Câmara Municipal da Covilhã, e financiada pela Direção Geral das Artes, nasce o *Wool*, o mais antigo festival de arte urbana, que começou em 2011. Criado por um grupo informal de cidadãos, foi o primeiro festival de arte contemporânea em solo português com o objetivo de promover a transformação social e turística num território do interior do país. Após dez anos de festival, o *Wool* conseguiu transformar zonas degradadas e espaços esquecidos num roteiro de arte urbana que homenageia o passado da cidade.

Para além de atuar na Covilhã, o *Wool* também colabora em projetos e exposições em outras cidades nacionais e estrangeiras, como por exemplo o “*Wool on Tour*” no espaço *Lx Factory* em Lisboa, o Festival Cale no Fundão e a participação numa tour em Paris a convite da *Galerie Itinerrance*, que também contou a participação de artistas portugueses. O *Wool* tornou-se numa plataforma de promoção de arte urbana e de artistas de arte urbana portugueses e num instrumento de transformação e reabilitação de uma comunidade.



Fig. 13 – O primeiro projeto do Wool Fest, por ARM Collective: RAM e MAR (2011). Igreja de Santa Maria, Covilhã. Fonte: Site Oficial da Center of Portugal

Neste capítulo foram referidas algumas das principais entidades que se têm dedicado à promoção da arte urbana em Portugal e a importância que estas têm para as suas cidades. É evidente a importância que a arte urbana tem na transformação cultural e social destas cidades.

Em entrevista com Ana Castro, para a sua dissertação, Lara Seixo Rodrigues, que é curadora, produtora de eventos de arte urbana e considerada a “madrinha da arte urbana em Portugal” afirmou que o que tem “*Aprendido por experiência própria, é que a Arte Urbana é um magnífico instrumento de transformação cultural, social, urbanístico e económico. Se os trabalhos/intervenções forem de qualidade, bastante positivos, os benefícios também o serão*” (Castro, 2014: 119). Na mesma dissertação, Castro entrevistou Pauline Foessel, da *Underdogs* que afirmou que “*Há muitas pessoas começam a vir à procura dos novos murais de Lisboa. Temos tido pessoas que nos perguntam se fazemos visitas guiadas, até há hotéis a sondar se temos um serviço desses. Tem sido muito bom para a cidade nesse sentido (...) E Também ajuda a embelezar a cidade, estabelecendo uma interação entre artistas, o espaço e os cidadãos*” (Castro, 2014: 111-112). O aumento deste tipo de intervenções, e com

qualidade, incentiva os artistas emergentes a fazerem melhor e os mais velhos a consumir este tipo de arte.

Outro aspeto que impulsiona a arte urbana, é o aumento do turismo. Nos últimos anos, Lisboa tornou-se numa das capitais mundiais de arte urbana, possuindo roteiros de arte urbana e tornando-se cada vez mais um museu de céu aberto de belíssimas obras de arte. O portal *Center Of Portugal*, é um exemplo de várias plataformas digitais que promovem o turismo português através de roteiros e sugestões de lugares para visitar. Na plataforma, roteiros de arte urbana como por exemplo a “Rota da Arte Nova” em Aveiro, “Arte Urbana na Covilhã” ou uma “Rota da Arte Urbana” pelo país, que incluem algumas das maiores marcas e obras pelas ruas das cidades portuguesas.

Capítulo 3 – Estágio na *Circus Network*

No terceiro capítulo deste relatório, elaboro a descrição da entidade acolhedora e das atividades realizadas durante o estágio.

O estágio na *Circus Network* decorreu entre 2 de Novembro de 2020 a 16 de Abril de 2021, em horário full-time, das 11h00 às 18h00. Durante o período de estágio, foram desenvolvidas várias tarefas, desde a elaboração de projetos de arte urbana à assistência na realização do inventário da galeria e loja. Devido as restrições da pandemia, a maior parte do estágio foi à distância.

3.1 A Entidade Acolhedora

A *Circus Network* é uma organização cultural sediada no Porto, fundada em 2012 por Ana Castro e André Carvalho. Nasce enquanto organização cultural informal, evoluindo no ano de 2015 para uma agência criativa, galeria de arte, loja e espaço *co-work*. O espaço dedica-se à arte urbana, ilustração, música e design. Tem como objetivo principal promover o talento português e procura estreitar relações entre artistas, entidades e a comunidade envolvente.



Fig. 14 – Logotipo da Circus Network (esquerda); Ana Castro e André Carvalho (direita). Fonte: Site Oficial da Circus Network

A origem da *Circus* surgiu como proposta de projeto final de licenciatura, no âmbito da conclusão do curso de Design e Comunicação na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Em entrevista, Ana conta que o primeiro evento foi só de arte urbana: “Tivemos uma exposição de ilustração, pintamos um mural, tínhamos uma exposição de *video mapping* e *performances* de *dj’s*. Por isso, esse evento em si englobou muitas áreas artísticas. Contudo, aquelas que mais nos fascinaram na altura foram a ilustração e a arte urbana”.

Durante a conversa, Ana explica que a ideia de criar um espaço cultural veio a partir do fecho de outro: “Em 2014 estávamos num espaço de *co-work* na (zona da) Batalha, onde estávamos a gostar muito da experiência, de conhecer imensa gente, de várias áreas e depois esse espaço foi penhorado. Nós basicamente fomos expulsos de lá – o espaço não era nosso, estávamos a alugar a um amigo – e tivemos que sair. E nesse momento lembramo-nos porque não procurarmos um espaço que possa também ser um *co-work*, ser o nosso escritório e abrir as portas para ter exposições de artistas de arte urbana, porque eles não tinham qualquer espaço em galerias na altura, e que seja também loja? Portanto, essa ideia tornou-se realidade em 2015”. Por isso, um espaço como o *co-work* que a *Circus* dispõe, contribuiu para a continuação da interação entre os artistas e partilha de ideias entre os criativos.

Como referido no *website*, a *Circus Network* divide-se em três: Agência Criativa, Galeria de Arte e *Creative Hub*.

A Agência Criativa conta com dezasseis artistas. A agência criativa surge na necessidade de apoiar os artistas locais e criar oportunidades profissionais para os meses. Durante a entrevista, Ana Castro explica que “Para além de não ser uma arte valorizada e profissionalizada também sentimos que as galerias não tinham espaço para estes artistas, ou que não abriam espaço, porque simplesmente não existia uma galeria que desse espaço à arte urbana”. E o mesmo aplica-se à existência de uma galeria de arte que expõe trabalhos nas áreas de arte urbana ou ilustração uma vez que “alguém é capaz de pagar mil euros por um quadro de um pintor, mas talvez pagar mil euros por uma ilustração já ficam mais de pé atrás” afirma Ana Muska, em entrevista.

Na galeria, também está inserida a loja, que conta com a venda de produtos de arte e música, e o espaço *co-work* que acolhe criativos de todas as áreas. Inicialmente, a *Circus* era uma agência que se focava na arte urbana e na ilustração, mas ao longo dos anos abriu as portas outras áreas, como a de comunicação, design e imagem e, daí, surgiu a *Creative Hub* – que reúne diferentes serviços através da subcontratação de *freelancers*. Para além dos artistas agenciados, a *Circus Network* também trabalha com outros criativos e empresas que estejam interessados em colaborar em serviços ou exposições específicas.



Fig. 15 – Entrada e parte exterior da Circus Network. Fonte: Instagram @circusnetwork

A caracterização da *Circus Network* foi feita através de meses de observação durante o meu estágio na entidade, consulta ao site oficial da *Circus* e com a entrevista a Ana Castro. Durante o estágio foi possível observar a relação da Ana e do André com os artistas e criativos que passam pelo espaço. Durante a entrevista, a Ana refere que a *Circus* se tornou mais do que um negócio: “Gostamos imenso de todos os artistas com que trabalhamos, tanto a nível profissional estético, mas também acabamos por criar uma relação de amizade com eles. Portanto isto não é só um negócio, acabou por se tornar quase como uma família” – e foi mesmo isso que pude comprovar.

Apesar de ter estagiado numa altura em que o movimento era menor, pude sentir o ambiente acolhedor e transparente que a entidade sempre ofereceu. Foi bastante reconfortante trabalhar num espaço em que havia respeito mútuo e abertura de partilha de ideias e opiniões. Além disso, foi bastante refrescante ver que quadros e telas de

ilustrações ou desenhos de arte urbana eram tão conceituados como o de pintores de arte contemporânea/clássica.

3.2 Propostas de Projetos

Durante o estágio, realizei duas propostas de candidatura a projetos de intervenção de arte urbana. A elaboração destes projetos ajudou-me a compreender melhor o processo de composição e organização de um projeto artístico. A criação das candidaturas realizou-se seguindo a metodologia indicada abaixo:

- **Identificação da área a intervir:** identificação e escolha do local (cidade ou bairro) onde se realizará a intervenção artística e decidir se será um trabalho de escala pequena, média ou grande;
- **Pesquisa de projetos anteriores:** fazer uma pesquisa documental de projetos ou candidaturas anteriores, como modelo (neste caso, exemplos antigos da *Circus Network*) para ter uma ideia de como é que as propostas são feitas e apresentadas;
- **Pesquisa sobre a área de trabalho:** pesquisa sobre o território escolhido, as suas comunidades e entidades a contactar;
- **Definição dos objetivos:** definir os objetivos principais do projeto (qualificação e valorização do território ou local, alargar os pontos de interesse, fomentar a cultura artística, entre outros);
- **Curadoria:** pesquisa e seleção dos artistas mais adequados ao trabalho nos territórios em causa;
- **Contacto com os artistas;**
- **Produção:** Identificação dos recursos necessários (materiais, recursos humanos, entre outros);
- **Orçamento:** cálculo dos custos dos materiais, valores de pagamento à *Circus Network* e artistas, acomodação, transporte e alimentação dos artistas, entre outros.

- **Elaboração da proposta escrita.**

3.2.1 Projeto “Todas As Cores”

Antes de começar o estágio, a *Circus Network* teve bastante interesse num projeto que realizei no âmbito da unidade curricular de Gestão de Projeto e Plano de Negócios, que tinha como tema elaborar uma proposta para um município português concorrente a capital europeia da cultura. No projeto, escolhi a cidade de Braga e propus uma requalificação de espaços urbanos através de intervenção de arte urbana. Por isso, sugeriu-se que realizasse uma proposta na cidade de Braga, que se conectasse à sua comunidade, e assim nasce o “Todas As Cores”.

Esta proposta foi pensada e organizada por mim, sob orientação da *Circus Network*. São propostas duas intervenções artísticas na cidade de Braga: a primeira no Bairro Social das Enguardas e a segunda na Piscina Municipal da Rodovia.



Fig. 16 – Imagem do projeto

A proposta tem como objetivo dar palco à comunidade local e artistas bracarenses, expor o seu trabalho, transformar os espaços urbanos em lugares visualmente atraentes e torná-los em pontos de referência artística. A escolha destes dois locais deve-se aos seguintes fatores: são espaços que atraem muitas pessoas diariamente; situam-se perto um do outro e próximo de outros locais onde a arte urbana já está presente. Com estas intervenções, seria possível estruturar um pequeno roteiro de arte urbana na área.

Criado na década de 1970, o Bairro Social das Enguardas foi construído para alojar residentes que viviam em condições precárias. Hoje em dia, é conhecido pela sua diversidade e acolhimento de várias comunidades. Um dos objetivos desta intervenção é de trazer um bocado de cor e reforçar a autoestima da comunidade residente, que por vezes não é bem representada na mídia. No bairro, serão feitas duas pinturas de grande escala em duas empenas na rua Senhora da Paz, que representem a identidade da comunidade. Com esta intervenção, o bairro se transformará numa referência artística da cidade do país, criando um ponto de atração nesta área.



Fig. 17 – Local de intervenção da arte, no Bairro Social das Enguardas

Para estas intervenções decidi selecionar os artistas Frederico Draw e The Caver. Formado em Arquitetura e membro do Coletivo RUA, Frederico Raw é conhecido por desenhar retratos e rostos anónimas e pelo estilo único da substituição de latas de spray por lápis de carvão. Por ser um artista que se destaca em pinturas de grande escala, é adequado para o projeto. O traço inacabado de Draw e efeito teatral dos seus retratos parte de uma leitura de cariz social e comunitária do bairro constituindo marcas identitárias única. Já The Caver, que é conhecido pelo estilo singular, traz para as paredes o seu conhecimento do design e grafismo. Experiente em trabalhos de todas as escalas e representando normalmente personagens enigmáticas, num universo próximo da banda desenhada, The Caver é a escolha adequada para inspirar um público mais

jovem. A sua marca numa das paredes do Bairro Social das Enguardas constitui uma valorização importante deste espaço, de maneira a trazer um equilíbrio e inspirar o público mais jovem com os seus desenhos.



Fig. 18 – Da esquerda à direita: “AMÁLIA” (2020) por Frederico Draw na cidade de Fundão; Frederico Draw no processo de pintura de “Amália”; “HANS ISLER” (2019) pela dupla Frederico Draw e Contra, na cidade de Lousada. Fonte: Facebook Oficial Frederico Draw

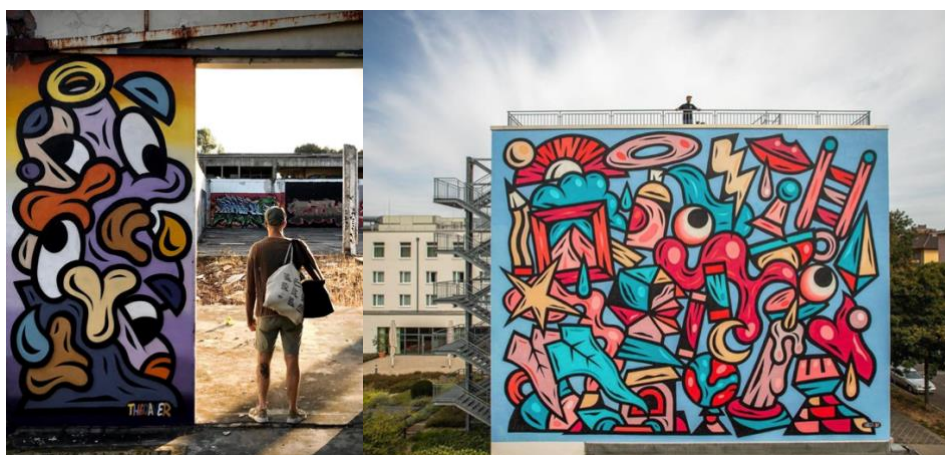


Fig.19 – Da esquerda à direita: The Caver após pintar uma parede num local abandonado; “Feels like Home” (2020) por The Caver em Mannheim, Alemanha. Fonte: Instagram @_thecaver_

A quase três quilómetros de distância, está a Piscina da Rodovia. Com o melhoramento das condições das piscinas, o espaço tornou-se mais atraente ao público. Neste local são feitas duas propostas de intervenção: a primeira é a pintura do fundo da piscina, algo que nunca foi feito no país. Por ser um lugar ao ar livre e público, dará um visual único e lúdico aos nadadores; A segunda proposta é a pintura da parede exterior do edifício.



Fig.20 – Locais de intervenção artística na Piscina Municipal da Rodovia

A transformação destes dois lugares, irá alargar os pontos de interesse da região e valorizá-los como duas paragens de referência artística na cidade. Como muitos dos bairros sociais, a imagem do Bairro das Enguardas acaba por centrar-se no envolvimento de situações conflituosas, deixando de parte o seu envolvimento em programas de desenvolvimento social. E a arte urbana é uma das maneiras de reforçar a sua autoestima e contribuir para a identidade local do bairro. E a Piscina Municipal da Rodovia que é um local maioritariamente frequentado por crianças e adolescentes, torna-se num fator de promoção da prática do desporto e lazer ao ar livre.

Para estas intervenções decidi escolher os artistas AkaCorleone e MOTS. Akacorleone, de nome Pedro Campiche, é um artista visual que iniciou o seu trajeto artístico através do *graffiti*. No mundo da arte urbana, Akacorleone ganhou notoriedade pela sua tipografia, combinação de cores e composições apelativas. Num projeto inédito e de grande escala, este é o artista escolhido para dar outra vida à piscina exterior da Rodovia, pela originalidade e sentido de humor das suas ilustrações. Mots (Diogo Rua), descrito como “um dos mais bem guardados segredos da cidade do Porto” pela *Circus Network* no seu site, é um ilustrador e *street artist* que transporta os seus desenhos animados às paredes do mundo inteiro. Mots é o artista indicado para pintar a parede

exterior da piscina uma vez que a sua técnica e estilo gráfico correspondem perfeitamente ao tipo de paisagem que o projeto pretende criar.



Fig. 21 – Da esquerda à direita: Campo de Basketball em Lisboa, por AkaCorleone (2019); AkaCorleone; Instalação permanente de AkaCorleone no Panorâmico de Monsanto, em Lisboa. (2020). Fonte: Instagram @akacorleone

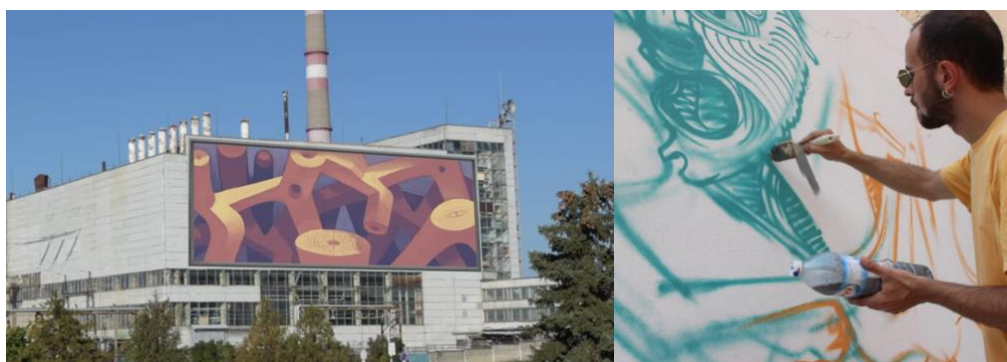


Fig. 22 – Da esquerda à direita: "Chernobyl Nuclear Power Plant" por Mots, na Ucrânia (2019); Mots no processo de pintura de um mural. Fonte: @mots.pt

Devido ao aumento das restrições da pandemia, decidiu-se não avançar com a apresentação do projeto à Câmara Municipal de Braga, uma vez que o foco da entidade estaria noutros projetos que já estavam pendentes antes da pandemia começar. Pela mesma razão, também não se fez uma estimativa de orçamento. No entanto, não se descartou a possibilidade de, no futuro, terminar a proposta e enviar, mesmo depois de o estágio terminar.

3.2.2 Projeto “A Rota do Spray”

Após a elaboração da primeira proposta, foi-me pedido que desenvolvesse a estrutura de um projeto pensado por um artista que entrou em contacto com a *Circus Network*. Até o momento só estavam definidos a ideia e o local.

A “Rota do Spray” é um projeto que visa transportar a arte urbana para o meio rural, especificamente entre as freguesias de Duas Igrejas e Abragão, no concelho de Penafiel. A intervenção baseia-se na pintura de dezoito paredes ao longo do percurso entre as duas freguesias, na estrada nacional 320. Este projeto tem como objetivo valorizar o território rural e reforçar a autoestima da população residente nas freguesias do interior do país.



Fig. 23 – Imagem do projeto

Esta proposta foi inspirada em dois projetos europeus: O “*Black Circle Festival*” e o “*Rurales*”.

O *Black Circle* é um festival de pós-graffiti anual na Ucrânia. Formado por artistas ucranianos, a cada ano, o festival é realizado em diferentes locais do país e convida artistas de vários países para se juntarem à experiência e deixarem a sua marca nos murais. Com uma filosofia *D.I.Y.* (*Do It Yourself*), o *Black Circle Festival* apresenta uma abordagem acolhedora. Durante a pintura dos murais, os artistas vivem no mesmo ambiente e espaço, para que possam conhecer-se e partilhar ideias. A cada ano, o festival

publica o produto final no seu blogue, onde partilha imagens de vários murais que os artistas pintaram. O *Black Circle*, que decorre há mais de uma década, cada vez mais atrai pessoas a estes locais que estavam completamente esquecidos.



Fig. 24 –Dois dos murais pintados no Black Circle Festival 2016, na Ucrânia. Foto: Jens Besser

O *Rurales* é um projeto criado por cinco artistas polacos que decidiram explorar uma dezena de aldeias no interior da Polónia. Com o carro cheio de latas de spray, Krik Kong, Seikon, SC Szyman, Sainer e Jay-Pop descobriram várias aldeias esquecidas e conheceram as pessoas que vivem na região. Em cada local por onde passavam, refletiam nos murais as histórias contadas pelos habitantes. Neste caso, os artistas também se deslocaram a propriedades privadas que tivessem uma parede vazia ou construções desgastadas e decoraram o exterior de várias casas de acordo com uma característica ou história do proprietário. O *Rurales* é um bom exemplo de como a arte de rua conseguiu se conectar com o mundo rural, uma vez que a comunidade local foi bastante participativa e, de alguma maneira, fez parte do projeto. Na plataforma digital do festival, estão registados três documentários do trabalho realizado pelos artistas em vários locais.



*Fig. 25 – Imagens do primeiro filme do “Rurales”, filmado numa região rural polaca em 201.
Fonte: Youtube @RURALES*

Situadas a poucos quilómetros da cidade de Penafiel, Abragão e Duas Igrejas são áreas onde a faixa etária dos habitantes dominante é entre os 25 e 64 anos. As duas freguesias destacam-se pela história religiosa, onde a presença é visível em monumentos e festas populares. Enquanto Abragão tem a emblemática Igreja de São Pedro que, em 1977, foi classificada como Monumento Nacional, Duas Igrejas tem como padroeiro Santo Adrião e a festa de Nossa Senhora do Rosário. A Rota do Spray pretende renovar os hábitos locais e diversificar a oferta existente, numa região onde a agricultura é a atividade principal.

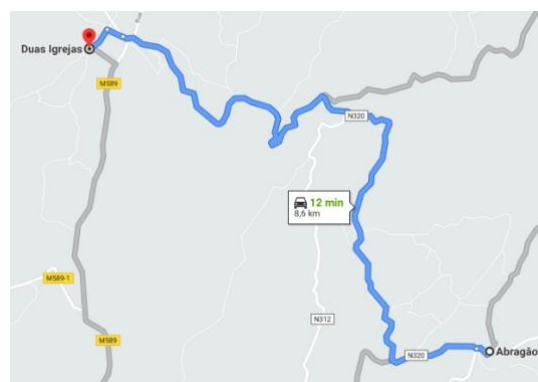


Fig. 26 – Percurso da intervenção artística

O trajeto da proposta de arte urbana localiza-se na estrada nacional N320, entre as freguesias de Duas Igrejas e Abragão, no concelho de Penafiel. No percurso serão escolhidas dezoito paredes vazias. Algumas mais extensas do que outras, para que possa

haver um trabalho conjunto de dois ou mais artistas. Dos murais escolhidos, alguns já se encontram na rota da N320 e outras em propriedades privadas, por isso, todos os locais terão um pedido de autorização prévio às entidades responsáveis. Visto que os artistas estarão em vários pontos da rota a pintar ao mesmo tempo, será necessário fechar parte da rua, sem bloquear o tráfego, de maneira a facilitar a realização da tarefa.



Fig. 27 – Sugestão de dois murais entre Duas Igrejas e Abragão. Fotos tiradas por Lourenço, artista responsável pelo projeto

Objetivos

- **Qualificar o território rural:** Oferecer paredes de contemplação e fortalecer a personalidade da região;
- **Valorizar as tradições de ambas freguesias:** Criar murais que representem a história e tradição da população residente;
- **Alargar os pontos de interesse da região:** Tornar a rota da N320 numa atração turística;
- **Fomentar a cultura artística:** Criar um diálogo entre o ambiente, peça e apreciador e, quem sabe, despertar um gosto não antes estimulado;
- **Expandir o conhecimento da arte urbana:** O projeto contribuirá para a familiarização do fenómeno da arte urbana à população local;
- **Dar oportunidade aos artistas de dar a conhecer o seu trabalho.**

Tarefas adicionais

- **Artistas e materiais necessários:** A *Circus Network* responsabiliza-se pela escolha de artistas que farão parte do projeto, como também na identificação dos materiais necessários para a realização da atividade;
- **Comunicação:** Além da experiência em produção de murais e curadoria artística, a *Circus Network* também oferece serviços de marketing digital e criação de identidade. Por isso, a *Circus* ficará responsável pela divulgação do projeto e criação de conteúdo para as redes sociais;
- **Documentário:** Tal como no exemplo do festival Rurales, a Rota do Spray pretende criar um registo documental onde partilha todo o processo de realização do projeto. Para isso, será necessário contratar uma equipa de Imagem responsável pela filmagem e edição do mesmo. Desta maneira, Abragão e Duas Igrejas ganham maior visibilidade e a Rota do Spray torna-se referência artística.

A seleção dos artistas e o orçamento são da responsabilidade da *Circus Network* e do artista que teve a ideia original. No final de Maio de 2021, um mês depois do termo do meu estágio, a *Circus* entrou em contacto para avisar que o projeto se encontrava em processo de finalização e que o artista iria propor o projeto às freguesias ainda para este ano ou para o próximo, em 2022.

3.3 Inventário

Durante o mês de Janeiro, o espaço esteve fechado para a realização do inventário. Uma das alterações que a *Circus* teve que fazer no seu negócio foi apostar na loja online, por isso, o inventário focou-se numa revisão aprofundada de todas as obras e produtos de maneira a atualizar a informação na plataforma digital para os clientes.

Através do software *Sortly*, fomos preenchendo os detalhes dos produtos, como o nome das obras, dos autores, medidas do produto e valor. Foi preciso organizar todas as telas, quadros, revistas, livros e posters que a loja tinha no armazém, separá-los de

acordo com o tipo de produto e artista, e verificar se estavam registados na loja online (caso não estivessem, tinha que registar com os detalhes do nome, autor/artista, tamanho e quantidade). No final desse processo, organizava os produtos na prateleira, à entrada da loja.

Depois de muitos meses com pouco movimento e sem possibilidade de realizar grandes exposições, a *Circus Network* teve que pensar em alternativas. A primeira foi a reorganização das prateleiras na entrada (exposição de produtos) com livros, revistas e catálogos que estavam no armazém, para que chamassem mais atenção e interesse dos clientes. E no lado direito, que era dedicado aos quadros das exposições de artistas, todos os meses, decidiu-se construir uma parede com divisões, para servir como prateleira de exposição de mais produtos. Ou seja, a nova estratégia da *Circus* é apostar na exposição dos produtos que a loja oferece, como livros, revistas, discos vinis, *merchadising* de artistas de arte urbana, objetos decorativos, entre outros.

Com a realização do inventário, percebeu-se que havia falta de informação de certos produtos e que muitos ainda não estavam registados na loja online. Mas foi uma oportunidade de conhecer a diversidade de itens que a *Circus Network* comercializa e compreender como se realiza um inventário de um espaço como este.

3.4 Autoavaliação

Encontrar um estágio em 2020 foi um desafio. Felizmente a *Circus Network* decidiu acolher-me e, apesar das limitações que as circunstâncias trouxeram, foi possível:

- Aprofundar conhecimento sobre:

- Desenvolvimento e evolução no método de pesquisa sobre cidades, culturas e comunidades;
- Termos relacionados com arte urbana;
- Área de arte urbana, ilustração, artistas e história cultural;

- Adquirir as seguintes competências:

De gestão

- Capacidade de desenvolver projetos de intervenção de arte urbana;
- Evolução da capacidade de organização e gestão de informação.

Técnicas

- Aquisição de conhecimento do software *Sortly* para inventário;
- Desenvolvimento de conhecimento do *Google Maps* como ferramenta de pesquisa para identificação de locais para intervenções artísticas;
- Evolução nas minhas capacidades de elaboração de projetos e apresentações, com o programa *Canvas*;
- Evolução das minhas capacidades de escrita;
- Elaboração de um orçamento para um projeto de arte urbana.

Pessoais

- Experiência no setor cultural e criativo;
- Desenvolvimento de aptidões para melhor desempenho no trabalho;
- Autonomia;
- Responsabilidade;
- Pro-atividade na realização de tarefas e interesse em aprender mais;
- Evolução na capacidade de gestão de informação e tarefas;
- Evolução de capacidades de criatividade.

Considerações finais

O estágio curricular realizado nas instalações da *Circus Network* foi a minha primeira experiência profissional no setor cultural e na área de arte urbana. Esta oportunidade permitiu-me meter em prática os conhecimentos adquiridos nos últimos dois anos do mestrado. Logo de início fui recebida num ambiente bastante acolhedor e transparente, algo que nunca tinha sentido em outras experiências profissionais. A pandemia limitou sem dúvida a minha experiência no estágio, mas não impediu que desenvolvesse certas capacidades.

Ao trabalhar em projetos de arte urbana, aprendi que organizar uma proposta de intervenção artística é muito mais do que uma simples ideia. A falta de iniciativas não se deve apenas à falta de propostas ou vontade, mas sim à falta de apoio ou colaboração de entidades como as câmaras municipais, por exemplo.

Sempre me questionei como seria estar numa agência criativa que trabalha com inúmeros artistas, e como funcionava a parte da gestão. Apesar das condições limitadoras, a experiência não deixou de ser enriquecedora. Foi bom trocar impressões com profissionais de várias áreas e conviver com criativos que já trabalham e têm experiência no cenário cultural do Porto e do país. Apesar de já existir uma *Circus Network* que contribui cada vez mais para a exposição de criativos portuenses e ao crescimento da arte urbana na cidade do Porto, é necessário existir um organismo que se dedique completamente a esta arte, que colabore na organização e apoio de iniciativas, uma vez que ainda existem vários obstáculos que contribuem para o atraso e crescimento lento da arte na cidade.

É inevitável negar a importância e impacto que a arte urbana traz às cidades e que trouxe às cidades portuguesas. A restauração de paredes vazias e locais abandonados em espaços de contemplação ou pontos turísticos fortaleceram a imagem das cidades. E, por isso, tanto a arte como os artistas merecem um maior apoio e respeito pelo trabalho.

Infelizmente durante e após o estágio não foi possível aprofundar este assunto e tirar certas dúvidas com as pessoas e entidades certas, no entanto fiquei com uma melhor percepção da situação atual da arte urbana no Porto e o quanto a cidade ainda tem a crescer nesta área. Apesar de ser a segunda maior cidade do país e ser a casa de alguns dos melhores artistas do país, ainda é estranha para o trabalho de muitos e ainda está bastante atrasada em relação a outras cidades portuguesas.

Referências Eletrónicas e Bibliografia

BARBEDO, R. (21 de Janeiro de 2018) “*Como a arte urbana ajuda o mercado a bater recordes*”. Expresso. Disponível em: <https://expresso.pt/economia/2018-01-21-Como-a-arte-urbana-ajuda-o-mercado-a-bater-recordes>. Acedido a 25 de Janeiro de 2021

CAMPOS, R. (2007) “*Pintando a cidade. Uma abordagem antropológica ao graffiti urbano*” (Dissertação de Doutoramento em Antropologia, especialidade de Antropologia Visual). Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/765/1/TD_RicardoCampos.pdf

CASTRO, A. (2014) “*Arte Urbana: Estudo exploratório da sua relação com as cidades e proposta de projeto prático para o Porto*” (Dissertação de Mestrado em Multimédia na vertente Cultura e Artes). Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, Portugal. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78051>

CASTRO, R. (18 de Fevereiro de 2019) “*O Contexto da Arte Urbana Emergente*”. Seara Nova. Disponível em: <http://searanova.publ.pt/2019/02/18/o-contexto-da-arte-urbana-emergente/>. Acedido a 30 de Julho de 2021

Center of Portugal Find Your Center of Portugal

Disponível em: <https://www.centerofportugal.com/pt/> . Acedido em Outubro de 2021

Circus Network Agência Criativa, Galeria de Arte e Creative Hub., Porto, Portugal.

Disponível em: <https://circusnetwork.net>. Acedido em 20 de Janeiro de 2021

COSTA, R. (2016) “*Graffiti & Street art - A relação dos criadores de arte na rua com as novas tecnologias de informação e comunicação (dispositivos e plataformas online)*” (Dissertação de Mestrado) ISCTE, Lisboa, Portugal. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12806/1/RaquelCosta_67474_MCCTI.pdf

FERREIRA, J. (2018) “*Os Vários Contextos Expositivos Da Street Art, Entre a rua e a galeria*” (Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia) Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/12225>

FERRO, L. (2016) “*Da Rua para o Mundo: etnografia urbana comparada do graffiti e do parkour*” (Análise Social) ICSUL, Lisboa, Portugal. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/n226a14.pdf>

GANZ, Nicholas (2009) “*Graffiti World: Street Art from Five Continents*”. New York: Harry N Zbrams Inc.

HUGHES, Melissa L. (2009) “*Street art & Graffiti Art: Developing an Understanding*” (Tese) Universidade do Estado de Geórgia, Estados Unidos. Disponível em: https://scholarworks.gsu.edu/art_design_theses/50/

MARTIN, J. (16 de Dezembro de 2010) “*Thinking About the Origins of Street Art, Part 1*”. Hyperallergic. Disponível em: <https://hyperallergic.com/14166/origins-of-street-art/>. Acedido a 25 de Julho de 2021

PORTELINHA, M. (2013) “*Arte urbana: estratégias, contextos e técnicas*” (Dissertação de Mestrado) IADE Creative University, Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/10499>

TEIXEIRA, A. (2017) “*A Arte Urbana e a cidade do Porto: perspectivas*” (Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação na variante de Cultura, Património e Ciência) Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:WgKYpFRZW9kJ:https://sigarra.up.pt/feup/pt/pub_geral.show_file%3Fpi_doc_id%3D124926+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt

Urban Dictionary. Disponível em:

<https://www.urbandictionary.com/define.php?term=street%20art> Acedido em 29 de Julho de 2021

VIEIRA, J. (2004) “*Para a Rua, Um estudo de caso sobre Street art em Portugal*” (Dissertação de Licenciatura) ISCTE, Lisboa, Portugal. Disponível em: https://ciencia.iscte-iul.pt/authors/jorge-vieira/publications?view_mode=classic_view&order_by=title&order_dir=asc&redirect=false

WACLAWEK A. (2008) “*From Graffiti to the Street art Movement: Negotiating Art Worlds, UrbanSpaces, and Visual Culture*” (Tese de Doutoramento em Filosofia) Concordia University, Montreal, Canadá. Disponível em: https://www.academia.edu/34112366/Graffiti_and_Street_art_-_The_relationship_between_urban_art_creators_and_the_new_information_and_communication_technologies_devices_and_online_platforms

Apêndices

Apêndice A: Entrevista a Ana Castro

Entrevista – Ana Castro, uma das fundadoras da *Circus Network* (Realizada por videochamada a 25 de Março de 2021)

I. *Circus Network*

Como surgiu a ideia de criar um espaço como a *Circus Network*?

A *Circus* começou como um projeto final da minha licenciatura – ao qual o André (cofundador) depois se juntou – informal em que organizávamos exposições em diferentes sítios e depois também começamos a ligarmo-nos à arte urbana. Em 2014 estávamos num espaço de *co-work* na (zona da) Batalha, onde estávamos a gostar muito da experiência, de conhecer imensa gente, de várias áreas e depois esse espaço foi penhorado. Nós basicamente fomos expulsos de lá – o espaço não era nosso, estávamos a alugar a um amigo – e tivemos que sair. E nesse momento lembramo-nos: por que não procurarmos um espaço que possa também ser um *co-work*, ser o nosso escritório e abrir as portas para ter exposições de artistas de arte urbana – porque eles não tinham qualquer espaço em galerias na altura – e que seja também loja? Portanto, essa ideia tornou-se realidade em 2015.

Podiam ter criado uma agência dedicada a todas as áreas envolventes na Arte e Cultura – porquê a arte urbana?

O primeiro evento que fizemos, que foi no Maus Hábitos, não era só de arte urbana. Tivemos uma exposição de ilustração, pintamos um mural, tínhamos uma exposição de *vídeo mapping* e *performances* de *dj's*. Por isso, esse evento em si englobou muitas áreas artísticas. Contudo, aquelas que mais nos fascinaram na altura foram a ilustração e a arte urbana. E a arte urbana, na altura, nesse evento, surgiu um bocado mais para a

frente, porque eu tinha um amigo que pintava graffiti e conhecia pessoal que também pintava e sugeri “Olha porque não? O Maus Hábitos tem aquela parede, podias falar com estes aqui e eles pintavam” e então esse contacto surgiu assim. Não houve uma ideia preliminar que “vou trabalhar com graffiti, vou trabalhar com arte urbana”, mas surgiu assim por amizade, aconteceu e logo nesse primeiro mural eu fiquei fascinada em perceber como é que eles conseguiam criar com aquele material, com aquelas latas, fazer aquele tipo de coisa, aqueles desenhos. Nem sequer projetaram desenho nenhum, tinham só um esboço. Cada um tinha a sua parte, lá se juntaram, escolheram cores semelhantes e o resultado, a meu ver, ficou mesmo incrível. E a partir daí percebi “Ok, isto é incrível! Isto é ilustração em tamanho grande utilizando materiais que parecem mesmo difíceis de usar eles conseguem combiná-los”. E durante essa pintura com os artistas, percebi que eles eram muito mal representados, que não eram valorizados pela comunidade, pela sociedade e eram sempre vistos como vândalos. Se alguém o pedisse para pintar o mural em sua casa basicamente diziam “Eu dou-te as latas, tu vais lá e pintas o que quiseres!” – não era uma arte profissionalizada. Enquanto um artista muralista que existia na altura ou um artista de pintura clássica pintava uma tela e vendia por um certo preço, eu reparei que no graffiti não havia essa valorização – eles não eram tratados como artistas. E pronto, achamos que seria perfeito utilizar o nosso conhecimento de organização de eventos, que ainda estávamos a aprender no início, e trabalhar para valorizar um bocado esta arte que era tão desprezada na altura.

Que funções desempenha na *Circus Network*?

Eu e o André somos um bocado “faz tudo”, não temos funções muito bem definidas. Eu sou sócio-gerente, apesar de o André tratar mais das coisas da gerência. O meu trabalho na *Circus* tem mais a ver com a curadoria de exposições, com o design, com a comunicação – portanto sou eu que trato dos *posts* do Instagram, do nosso website, de colocar coisas na loja online, de tirar fotografias nas exposições. Eu trato mais da parte da comunicação do que é que passa para o público e um bocado da organização dos eventos. Não o faço sozinha porque o André está sempre lá, mas acho que sou mais

responsável por isso. O papel do André é um bocado mais aquele que está nos bastidores. Ele trata da contabilidade e dessas coisas mais chatas, tem muitas ideias de coisas para fazer, o que é ótimo – ele é mais sonhador e eu sou mais de prática.

O que os motivou a ingressar na carreira de empresária e produção, ao invés de artista?

O André não tem nada a ver com arte. Eu sou designer e poderia ter seguido um caminho de ilustração ou de arte urbana, contudo logo desde o início quando comecei a trabalhar com estes artistas, eu sempre olhei para eles num nível mil vezes acima do que eu sinto que alguma vez poderia chegar, e há muita gente que pensa assim. Eu senti que a minha missão não passava muito por criar arte, mas sempre quis estar associada a ela. Quando percebemos que os artistas, principalmente de arte urbana, eram tão pouco valorizados e as coisas não funcionavam muito bem porque eles não tratavam da sua contabilidade ou não sabiam fazê-lo, tinham imensos clientes que deviam dinheiro e não tratavam – eles próprios não eram organizados nesse sentido –, eu senti que eu tinha esses conhecimentos, e o André também, para podermos então ajudá-los a passar para o próximo nível – de artistas emergentes para artistas profissionais – e de certa forma, logo desde o início assumimos esse papel. Decidimos então abrir o nosso espaço com galeria, *co-work* e as coisas foram acontecendo. E a ideia de nós decidirmos sermos artistas ou criarmos a nossa própria identidade pessoal ficou posta de lado. Mesmo eu enquanto designer – eu tirei o curso de *Design* de Comunicação – poderia ter seguido essa carreira, ter arranjado um emprego de design ou ser designer freelancer, mas não sei... a paixão pela *street art*, pela ilustração, a amizade que ganhei por estas pessoas, o gosto pelas coisas e por ver as coisas acontecerem acabou por sobrepor ao meu desejo de ser designer. Continuo a fazer trabalhos de design aqui e ali, mas deixou de ser a minha prioridade. A *Circus* passou a ser a minha prioridade.

Em que momento decidiu que era necessário expandir a *Circus* para agência criativa, galeria de arte, loja e *co-work*?

Foi em 2015. Então, começamos em 2012 com esse evento (no Maus Hábitos). Depois do evento eu queria desistir, disse que não valia e que gastamos imenso dinheiro, mas o André foi aquela pessoa que disse “Não, isto tem pernas para andar, vamos continuar”. Então depois disso, fomos fazendo certas exposições em sítios diferentes. Conseguimos pintar um grande mural em Guimarães, o que nos levou mais a essa ligação com a arte urbana e os artistas e começamos também a dar-nos bem com estes artistas, a participar em certos eventos – mesmo que não organizássemos, íamos lá. Para além de não ser uma arte valorizada e profissionalizada também sentimos que as galerias não tinham espaço para estes artistas ou que não abriam espaço, porque simplesmente não existia uma galeria que desse espaço à arte urbana. Existe no Porto, uma galeria que trabalha com a ilustração – e muito bem, sempre fomos muito fãs do trabalho da Ó Galeria. A ilustração é também é uma arte um bocado vista de lado, ou seja, alguém é capaz de pagar mil euros por um quadro de um pintor, mas talvez pagar mil euros por uma ilustração, já ficam mais de pé atrás. Entretanto, isso mudou, felizmente com o trabalho tanto de galerias como a Ó, como o nosso (da *Circus Network*), como outras que existem por todo o mundo. Acredito que as redes sociais ajudaram muito nisso porque o Instagram trouxe esses ilustradores ao mundo sem eles terem propriamente exposições. Então nós queríamos ter um espaço para poder expor o trabalho de artistas tanto de arte urbana como de ilustração e como disse antes, nós tínhamos acabado de ser expulsos de um espaço de *co-work* em que sentimos que essa ligação entre vários artistas e várias pessoas criativas de diferentes era muito boa porque nesse *co-work* antes tínhamos arquitetos, ilustradores, pintores, pessoas de todas as áreas e juntos organizávamos eventos. Quando decidimos abrir o nosso próprio espaço achamos que o *co-work* era uma mais-valia para haver esse movimento constante e partilha de ideias entre os criativos.

A localização do espaço na Rua do Rosário foi coincidência ou foi propositado? O quanto importante é a *Circus Network* estar localizada no “Bairro das Artes”?

Nós estávamos à procura, na altura, um pouco por todo o lado. Queríamos que fosse na baixa, no centro e que tivesse bons acessos. Depois surgiu esse espaço na Rua do Rosário – em muito mau estado quando lá fomos – e achamos que era ideal mesmo por isso, por estar no bairro das artes. É uma rua que já começa cada vez mais a ter mais lojas e restaurantes, mas quando nós fomos para lá, aquele trecho da rua não tinha praticamente nada aberto. Felizmente é uma zona que é muito dinâmica. Portanto, não foi uma característica dominante da nossa escolha ir para ali, só estávamos à procura de um espaço ali, mas aconteceu e eu acho que foi o melhor que podia ter acontecido!

II. Negócio e Pandemia

Como funciona o negócio da *Circus Network*?

Na agência temos dezasseis artistas agenciados por nós, mas trabalhamos também com artistas de todas as áreas, com pessoas que fomos conhecendo no decorrer da nossa carreira e como agência conseguimos responder a todo o tipo de desafios que os clientes possam precisar. Começamos por ser agência de arte urbana e ilustração, mas sinto que agora já somos um bocado mais do que isso porque também podemos funcionar como agência de comunicação, de design e um pouco de tudo. Nós tanto contactamos possíveis clientes, que possam precisar dos novos serviços, ou mesmo Câmaras Municipais para conseguirmos projetos maiores de arte urbana pública legal. Funcionamos no sentido em que o cliente chega até nós, pede certa e determinada coisa e nós arranjamos a pessoa certa para fazer isso, fazemos toda a ligação e garantimos que aquilo que o cliente quer o artista consegue oferecer – que o cliente fique feliz, mas também garantimos que o artista tem o seu trabalho bem representado e que fique feliz com o resultado final.

Quantas pessoas trabalham, ou trabalhavam, no espaço e quais as suas funções?

Antes da pandemia, em Janeiro de 2020, nós éramos cinco: eu como sócio-gerente, o André, o Mário (OKER) – que também é artista – como designer e um bocado “faz tudo” – ele ajudava a montar exposições, se fosse preciso cortar madeira ele cortava, se fosse preciso comprar algo em algum sítio ele ia –, tínhamos a Mónica que atendia os clientes na loja e tratava da organização da loja e tivemos a Luísa, como estágio profissional, que tratava de copyright – tudo que era textos, ela tratava, desde *posts* para rede sociais, entrevistas a artistas ou mesmo projetos para Câmaras e clientes. Nessa altura estava tudo a funcionar muito bem, era uma equipa incrível. E depois entrando a pandemia em força, fomos obrigados a fechar tudo e achamos que o melhor seria não continuar com estes funcionários todos. Portanto deixamos chegar ao fim dos seus contratos, se não me engano em Abril ou Maio e não renovamos, com muita tristeza nossa.

Qual é o critério de escolha dos artistas para a agência?

Inicialmente nós é que fomos ter com eles, antes a lista era um bocado mais pequena – acho que eram dez ou doze no início –, eram artistas emergentes que ainda estavam a começar, mas que nós sentimos que precisavam um bocado da nossa ajuda para se profissionalizar e sentimos também que eles podiam dar valor ao nosso trabalho porque desde sempre confiamos nas suas capacidades. Gostamos imenso de todos os artistas com que trabalhamos, tanto a nível profissional estético, mas também acabamos por criar uma relação de amizade com eles. Portanto isto não é só um negócio, acabou por se tornar quase como uma família. Uma das coisas que sempre achamos muito importante é tudo ser transparente, por isso o artista (que contratamos) sabe exatamente quanto é que o cliente paga, quanto é que vem para nós, quanto é que vai para ele, quanto é para o material, como é que as coisas vão funcionar e garantimos que exista essa abertura, frontalidade e transparência.

A Circus só trabalha com artistas que estão agenciados?

Não. Nós estamos abertos para muitos artistas, na loja vendemos trabalho de cem artistas. Já fizemos exposições com um número que nem sei dizer ao certo e tivemos também projetos para clientes específicos onde trabalhamos com outros artistas que não são os que são agenciados por nós. Nós com o decorrer do tempo, acabamos por conhecer cada vez mais artistas, por conseguir contacto, alguns chegam a contactar-nos e num projeto futuro que surja oportunidade acabamos por contactá-los.

Qual considera ser o público-alvo da *Circus Network*?

O público-alvo, por estarmos naquela rua e passar toda a gente, na parte da loja temos um pouco de tudo. Eu acredito que o nosso público-alvo são os jovens e adultos entre os 25-35 anos. Mas depende da parte do negócio que estivermos a falar porque tanto vendemos latas (de spray) que são itens muito baratos – e aí a faixa etária já é mais baixa, porque são pessoas que pintam na rua e tudo mais – mas depois também temos telas de dois mil euros e se calhar aí a faixa etária já é maior, já são pessoas nos seus 50 anos que têm poder monetário para comprar. E as pessoas que iam aos nossos eventos, esses sim eu acredito que estão na faixa etária de 25-35 anos, que é a idade que nós também temos e que os nossos artistas têm.

De que maneira é que a pandemia afetou o negócio? Como é que o espaço tem funcionado no último ano?

A pandemia afetou muito o nosso negócio porque nós tínhamos projetos de arte urbana pública pensados para o verão do ano passado que foram todos adiados, perdemos dois clientes fixos como o Selina, de quem tratávamos a comunicação e recebíamos trabalho e dinheiro todos os meses. Também trabalhávamos muito para as noites do Porto e Lisboa a fazer cartazes para discotecas. O mesmo com os festivais – nós costumávamos fazer, todos os anos, no Neopop um grande mural e como o Neopop não aconteceu, não nos chamaram para fazer e, portanto, perdemos imensos trabalhos.

Como é que a loja, galeria e espaço *co-work* ficaram afetados com a pandemia? Que alternativas foram utilizadas para manter o negócio ativo?

A loja (da *Circus Network*), pelo facto de estar fechada (e mesmo quando estava aberta como só podíamos ter cinco pessoas lá dentro de cada vez) não conseguia fazer os eventos que antes fazia que nos traziam muita gente. O facto de o turismo ter tido uma grande quebra no Porto também nos afetou, até mais do que eu achava, porque apesar de termos muitas visitas de turistas eu achei que até estávamos a vender bastante a portugueses, mas percebi com a pandemia que não. Melhoramos a nossa loja online, a organização e visualmente também. Começamos a apostar mais em comunicação digital, mais em redes sociais e afins. Sinto que a nível online e de vendas online, realmente cresceu. Só que com o que perdemos na loja e vendas físicas, o volume de vendas (de produtos) continua muito abaixo do que estava. De 2019 a 2020 tivemos uma quebra de 75% de faturação. Estamos a conseguir manter-nos de pé e espero que durante muito tempo continuemos, mesmo que a pandemia ainda dure algum tempo nós conseguimos manter de pé. Sentimos que em 2020 voltamos a 2015, voltamos cinco anos atrás do nosso negócio. Demoramos cinco anos para fazê-lo crescer para depois termos ali uma quebra gigante que nos fez retroceder a nível de faturação e vendas.

Há possibilidade de tornar as exposições online?

Estando fechados, fazer exposições para as pessoas não poderem verem ao vivo, não compensa. Então o que nós fizemos foi adiar as exposições que tínhamos marcadas e fomos adiando à medida que podíamos abrir. Por exemplo, a última exposição que inauguramos, que ainda está a decorrer, inauguramos em dezembro – que é do Frederico DRAW – e ainda está. Na verdade, ele não chegou a ter um mês de exposição aberta porque, primeiro fechamos para o inventário e depois a pandemia obrigou-nos a fechar e agora vamos abrir em abril, o mês quatro. Ou seja, em quatro meses, nem um mês de exposição aberta ao público tivemos. Então tomamos uma decisão: este ano vamos deixar de ter exposições grandes como tínhamos antes, a ocupar a galeria toda, e vamos fazer com que a parede toda da direita passe a ser loja – então vai ser exposição de

produtos e não de arte propriamente. Portanto vamos apostar mais em produtos do que em grandes telas e grandes exposições, mantendo só uma parede para fazer exposições. Sem querer dizer que é para sempre porque só o futuro dirá. Vamos continuar a apostar mais no online, contudo eu acho que a nossa arte é uma arte que tem que ser vista ao vivo.

III. Conclusão

Quais considera serem os principais pontos fortes e fracos deste espaço?

Um ponto forte é que somos os únicos no Porto a trabalhar com arte urbana. Outro é que trabalhamos com artistas muito bons e isso dá-nos um valor cada vez maior. Também vejo como ponto forte o facto de sermos um bocado mais informais do que outras galerias e do que outras lojas, então nos nossos eventos o pessoal vem e gosta de estar lá, enquanto tu vais a outras galerias e as pessoas entram e saem. No nosso caso, antes da pandemia, as pessoas ficavam lá meia hora, uma hora, duas horas ou a tarde toda porque gostam de estar lá – ficavam confortáveis. E nós temos mesmo pessoas, sem ser nos eventos que vão lá (à *Circus*), levam amigos e ficam a conversar. Então eu acho que esse carácter informal e acolhedor também é bastante atrativo para quem nos visita. Um ponto fraco...eu acho que o facto de estarmos no Porto perdemos um bocado – ganhámos porque o Porto é uma cidade fixe, mas não existe grande poder económico no Porto como existe em Lisboa então vemos outros projetos do género do nosso que parece que cresce muito mais na capital, onde as grandes marcas estão e realmente investem tanto na arte urbana.

Apêndice B: Entrevista a Frederico DRAW

Entrevista – Frederico DRAW (Realizada por chamada telefônica a 20 de Abril de 2021)

I. Introdução

Como caracteriza o seu estilo artístico?

O meu trabalho tem duas vertentes, ou dois momentos. O primeiro é o (Frederico) Draw, que sou eu sozinho, e segundo é o DRAW + CONTRA (artista de arte urbana) – atualmente Ruído – o nosso projeto em colaboração, que no fundo é o nosso trabalho principal que foi lançado agora em 2021, mas que no fundo vai celebrar os nossos dez anos de colaboração juntos e que acaba até por ser o nosso trabalho principal, mais que o trabalho individual. A nível individual, o meu trabalho é caracterizado pela figura humana, geralmente monocromática – o que contrasta muito com o trabalho do Rodrigo (CONTRA), que é sempre colorido, texturado, abstrato, etc., e o meu é mais relacionado com a parte da figura humana. O meu trabalho é uma mistura de técnicas, portanto, eu misturo tinta plástica com spray. Trabalho essencialmente com figura humana em grande escala, seja retrato, corpo, expressões corporais, expressões faciais. É um trabalho um bocado arriscado, no sentido em que, o meu estilo e tudo aquilo que eu quis desenvolver ao longo dos anos que foi tentar fazer como se fossem esboços de grande escala, tentar sempre fazer um registo meio *sketchy* – pode ser assumido realismo, é uma coisa que eu sempre intenciono que seja mais expressiva, com pinceladas bastante marcadas, com traços de tinta bastante marcados e acentuados como se fossem pinturas à caneta em papel, mas numa dimensão maior.

Teve alguma formação prévia antes de ingressar nesta área?

Sou formado em arquitetura. Nunca trabalhei como arquiteto depois disso, porque já tinha trabalhado na arte urbana. Mas tive desenho de figura humana em arquitetura e foi a partir de aí (das aulas de desenho de figura humana) que comecei a ter interesse pela

figura humana. Desenhava graffiti, letras, etc., e quando comecei realmente a fazer o desenho da figura humana apercebi-me que era o que desenhava mais em papel, era o que mais gostava de desenhar nos cadernos e foi por isso que tentei depois passá-la para grande escala.

É artista a tempo inteiro, ou tem outro emprego para se sustentar financeiramente?

Não, artista a tempo inteiro.

Como teve conhecimento da *Circus Network* e como surgiu a oportunidade de ser agenciado pela entidade?

Quando comecei a pintar, há uns anos atrás, lembro-me de ver um projeto deles (*Circus Network*) – penso até que foi o primeiro – nos Maus Hábitos, em que eles colaboraram com três artistas e na altura apercebi-me do trabalho que eles queriam desenvolver no Porto – que na altura era a única galeria e agência dedicada à arte urbana. Assim a primeira vez que trabalhei com eles não me recordo, mas penso que foi no mural de Guimarães do Pavilhão Francisco da Holanda, se não estou em erro. E depois por uma questão de amizade e eles acompanharem o meu trabalho ao longo dos tempos, surgiu a questão do agenciamento. Eu não me recordo há quanto tempo isso foi e como surgiu, mas eu acho que estou com eles desde o início que eles começaram a fazer o agenciamento, acho eu.

II. Arte Urbana e a Cidade do Porto

Como descreve a evolução da arte urbana no Porto?

Lenta. Por acaso este ano até têm surgido alguns projetos. Houve uns anos em que aquilo esteve um bocado parado. Sem dúvida o Festival *Push* foi um dos primeiros momentos da arte urbana no Porto – em que nós participámos enquanto coletivo RUA. Há boas obras. Há um bom movimento tanto clandestino como em paredes legais. Gostava que

fosse um bocado mais desenvolvido em semelhança às outras cidades. Houve ali uns anos parados e acho que agora estão a tentar retomar alguma atividade – pelo menos este ano já surgiram três ou quatro peças, o que quer dizer que se está a tentar fazer qualquer coisa.

Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade de referência mundial de arte urbana?

Sim, precisa é de mais trabalho. Já tem murais de bons nomes, mas acho que há cidades mais pequenas que tem mais material para mostrar do que o Porto, como Vila Real, Bragança, Covilhã, Leiria. O Porto tem potencial, mas ainda não está ao nível da maioria parte das cidades. Se falarmos de Lisboa, não há comparação.

Como descreve a relação da arte urbana com a comunidade? E com a Câmara Municipal?

Eu não estou muitas vezes no Porto, como a maior parte dos artistas, não temos muitas oportunidades de fazer coisas no Porto. Como disse, eles (a Câmara Municipal) têm feito algumas coisas. A última vez que pintei no Porto foi em 2015 e na altura sei que o feedback foi bom – e é uma obra num sítio privilegiado, ali na ponte D. Luís I. Ainda hoje em dia, continuo a receber bom feedback dessa parede por parte não só das pessoas do Porto, mas de quem visita. Não tenho tido muitas oportunidades de expor o meu trabalho no Porto nos últimos anos por isso não sei, mas eu acredito que à semelhança de outras cidades em Portugal, o feedback entre a comunidade e a *street art* é sempre bom. Sempre que vou trabalhar tento fazer coisas com que a comunidade local se identifique e se relacione, portanto, deixar-lhes uma obra que faça parte das pessoas que lá vivem.

Pensa que o número de projetos ou iniciativas artísticas no Porto são suficientes?

A nível de arte urbana especificamente, não. O Porto é uma cidade com imensa cultura, imensas coisas a acontecer, a nível de arte urbana nem por isso. Acho que há um

bloqueio e confusão grande que não consigo perceber, agora se calhar nem tanto – por isso é que as coisas estão a voltar a acontecer com isto do Ágora. Mas quando era a Porto Lazer era um empurra para aqui, empurra para ali entre a parte da cultura e a Porto Lazer que não se percebia bem quem é que tratava o quê e, portanto, não sei. Acho que não era uma coisa que era bem digerida. Ou empurrava-se para um lado ou para o outro e as coisas acabavam por não acontecer na maior parte das vezes.

Costuma participar em projetos ou iniciativas desenvolvidas pela Câmara Municipal do Porto?

Não, não temos convites para isso. Eles (Câmara Municipal) de vez em quando abrem um ou outro concurso, mas eu estive envolvido com a Porto Lazer – eu trabalhava na produção e não podia participar como artista, na altura.

Já apresentou alguma proposta de projeto à Câmara Municipal do Porto? Se sim, como decorreu o processo?

Sim, já falei com a Câmara são coisas que não andaram para a frente, na altura e já vão muitos anos.

Quando a Câmara Municipal ordena que se “limpe” os murais, pensa que eles têm algum critério definido? Acha que existe alguma lista de critérios definida para seleccionar o que fica e o que não fica, ou acha que é aleatório?

Eu desconheço-os, mas acho que eles devem ter critério porque geralmente deixam sempre as mesmas pinturas e apagam sempre um tipo de pintura diferente. Isto é, há sempre artistas que eles não apagam os trabalhos e há outros a quem apagam. Por isso, eles deverão ter algumas indicações, ou superiores ou deles próprios. Já aconteceu, por exemplo, apagarem uma assinatura do Mesk (artista de arte urbana), que era a assinatura do trabalho e deixarem o trabalho – a assinatura que estava lá foi apagada. Portanto, eles podem não saber muito bem como é que estão a fazer, mas tem que haver ali um critério

porque se eles estão a apagar tudo e contornam um desenho para deixar esse desenho, é que porque há critério claro.

III. Conclusão

Sente que os artistas de arte urbana são valorizados?

O país sim. A cidade não sei, vamos ver no futuro. (Nas outras cidades) Há muitos projetos e muita gente interessada e nota-se na parte de quem nos recebe o interesse deles na arte urbana. Tanto por presidentes de junta e câmara, nota-se que têm interesse genuíno.

A pandemia afetou muito o seu trabalho?

Condicionou basicamente os projetos no estrangeiro. Havia várias coisas que estavam em cima da mesa que deixaram de acontecer. De resto, manteve-se mais ou menos igual. Deu mais tempo para trabalhar em estúdio, preparar outras coisas, de dimensões mais pequenas, mas o que é certo é que acabamos por ter na mesma muito trabalho e continuamos com a agenda preenchida em 2020 e 2021. Não me posso queixar muito.

Está satisfeito com a evolução do seu trabalho e conquistas ao longo dos anos?

Sim, acho que sim. Não esperava muito, não esperava nada. Quando comecei isto era um hobby, não era um trabalho. Portanto tudo que veio depois disso já é uma conquista, sem dúvida.

Em que tipo de locais gostaria de trabalhar ou acharia propícios para criar proximidade com a comunidade?

Especialmente no Porto – o Porto é onde vivo, é onde resido, é onde trabalho, onde tenho o estúdio, por isso gostava de deixar mais obras no Porto, até porque como disse, a (obra) que tenho é bastante icónica e gostava de deixar outras. Os meus amigos estão no Porto, a minha família, obviamente que gostava de trabalhar mais na minha cidade.

Fora isso, em qualquer lado, desde que seja bem recebido eu gosto de trabalhar. Obviamente também gosto muito de viajar e conhecer outros países e outras cidades, mas mesmo em Portugal já conheci imensa coisa à pala da *street art* – é uma das mais valias. Claro que há sempre aquelas ambições de algumas cidades grandes, alguns países onde queremos ir pintar, mas eu acho que seja na aldeia mais pequena, receber o nosso trabalho é sempre interessante e gratificante para nós.